

EDITORIAL

Junia Mortimer

Docente do Departamento de Urbanismo da Escola de Arquitetura da UFMG e professora do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da UFBA. Coordenadora do Grupo LEIA.

Técio Martins

Arquiteto e urbanista, doutorando no Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da UFBA e membro do LEIA.



O título deste dossiê da revista RUA, *Urbanos Arquivos: exposições e práticas curatoriais com arquitetura*, toma como plataforma de pensamento e reflexão a exposição *Urbanos Arquivos*, realizada nos meses de dezembro de 2023 e janeiro de 2024 em Salvador, Bahia. A exposição foi concebida pelo grupo de pesquisa LEIA (Laboratório de Estudos de Imagem e Arquitetura - CNPq), sediado na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal da Bahia (FAUFBA), a partir dos acervos e arquivos dos fotógrafos baianos Lázaro Roberto¹ e Arlete Soares².

Fundado em 2021, o LEIA desenvolve pesquisas a partir de materiais e metodologias implicadas na fotografia como prática urbana, envolvendo também seus praticantes ordinários, para fomentar discussões críticas da historiografia das cidades e das concepções do urbanismo e da arquitetura, com especial interesse em Salvador, entre as décadas de 1970 e 1990. Nesse sentido, não nos interessa somente a superfície visual, mas também a performance de sua produção e circulação, como vemos na companhia de Ariella Azoulay (2024) e Elizabeth Edwards (2021, 2022), compondo uma paisagem intelectual que envolve cultura visual, história urbana, fotografia e artes. Enquanto episteme própria, a imagem deforma e permite reconfigurar o campo ampliado da arquitetura e do urbanismo.

1. Lázaro Roberto Ferreira dos Santos é fotógrafo e arte-educador, conhecido como “LENTE NEGRA”, iniciou suas atividades na profissão em meados da década de 1970 e, na década de 1990, fundou o Zumvi Arquivo Afro Fotográfico, que atualmente tem seu acervo acondicionado na sua sede, no Pelourinho, Salvador, Bahia.

2. Arlete Soares é fotógrafa, nascida em Valença. No ano de 1979, fundou a Editora Corrupio (@editoracorruptio).

A proposta de estudo da história da cidade e do urbano por meio da sensorialidade da fotografia, ou outras iconografias, proporciona a percepção de complexas assembleias de vidas, nos termos de Anna Tsing (2022), que capturamos aqui nas bordas espaciais do visível. Enunciadas em narrativas, elas podem expandir ou mesmo subverter um conhecimento já estabelecido, talvez até rebobinando o tempo para o limite de seus extremos imperialistas (Azoulay, 2024), a fim de construir uma posicionalidade crítica diante de situações injustas que perpetuam as expropriações.

Nos interessam ainda os materiais marginais disponíveis em acervos e arquivos, institucionalizados ou não, que evidenciam os bastidores da ação arquivística que resultam da prática fotográfica na cidade. Por vezes considerados de menor importância ou mesmo desconsiderados, esses fragmentos dizem de gestos e agenciamentos que mostram percursos, táticas, modos de ver e de viver, modos de entender e “catalogar” as vidas na cidade. Essa abordagem pela visualidade interpela agentes institucionais da cultura e da arte e especialmente praticantes ordinários (Certeau, 2017) que recorrem ao seu universo particular e cotidiano como compositores da visualidade das cidades, direta ou indiretamente.

Neste dossiê, apresentamos a exposição que realizamos ao mesmo tempo que a cotejamos com outras práticas expositivas realizadas em diversas cidades brasileiras, por diferentes grupos. Portanto, o que se propõe como intenção para esta publicação é apresentar contornos provisórios e circunscritos, mas pertinentes, de um campo de debates e práticas que concerne às exposições, aos arquivos e à fotografia no enfrentamento dos estudos do urbano e do ambiente construído.

Este volume para a revista RUA se divide em quatro seções. A primeira seção, “**Arquitetura nos Arquivos**”, se dedica a situar nosso esforço de pensamento e prática de pesquisa com exposições de arquitetura e urbanismo, a partir de arquivos fotográficos, em uma coletividade de trabalhos e autores que se debruçam sobre o tema de maneira mais ampla. A ideia aqui é esboçar uma cena crítica na qual apresentamos nossa intervenção, sinalizando para uma rede de interlocutores que compreende professores e pesquisadores nacionais e internacionais, notadamente membros do grupo “Arquivos, fontes e narrativas” (FAUUSP/CNPq) e da iniciativa “Curating Architecture Across the Americas” (DRCLASS + HAA/Harvard).

A seção é composta ainda por um texto que toma como plataforma de pensamento a exposição Urbanos Arquivos, resultante das pesquisas realizadas pelo grupo LEIA desde 2020, no âmbito do projeto “Cidade, Imagem, Arquivo: práticas urbanas em arquivos soteropolitanos”³. O projeto propõe pesquisar arquivos fotográficos de Salvador na segunda metade do século XX que registram

3. No amplo espectro de narrativas presentes nesses arquivos, procuramos por conjuntos de imagens que desestabilizam uma determinada tradição dominante na história da arquitetura e do urbanismo, baseada em valores modernos. Nossa hipótese é a de que essas imagens, com especial atenção para aquelas que registram práticas urbanas populares da cidade de Salvador, podem fazer emergir modos de produção e apropriação da cidade, isto é, modos de “fazer-cidade” (AGIER 2015), muitas vezes desconhecidos diante de uma abordagem da cidade focada nos planos urbanos, nos decretos políticos ou nas edificações, que pouco se atém à dimensão cultural e social que constitui a cidade. Esses modos de fazer a cidade, ao emergirem dos arquivos segundo a natureza fantasmática que caracteriza a fotografia e o visível, podem promover reconfigurações nos nossos modos de apreensão da cidade.

práticas urbanas, buscando investigar a história da cidade e suas práticas de constituição do sujeito, especialmente entre as décadas de 1970 e 2000. O texto, intitulado “Uma Exposição”, elaborado pelos participantes da curadoria e de sua execução, identifica e relata as etapas para o desenvolvimento dessa pesquisa até a concepção e realização da exposição *Urbanos Arquivos*.

O segundo momento, intitulado “**Muitas Justaposições**”, consiste na colaboração de participantes internos e externos ao grupo LEIA e à FAUFBA, com proximidades metodológicas e formas de pesquisa através do exercício curatorial e da elaboração expográfica. O objetivo é construir uma rede de grupos de pesquisa alinhados às concepções da visualidade através da fotografia e outros artefatos iconográficos como um campo ampliado de conhecimento da arquitetura e urbanismo. Essa construção coletiva traça os modos curatoriais e expográficos, além de apresentar, em seus ensaios para esta edição, as relações entre arquivos, imagens, descrições textuais e cidade. As descobertas durante o processo de pesquisa junto a arquivos e entrevistas – institucionais ou não – reverberam e conduzem as montagens das exposições, sinalizando tensões nas relações entre o imaginado, o pensado e o realizado, entre o concebido e o construído de uma exposição como campo de reflexão. É relevante na composição dessa discussão a presença de processos expográficos sobre o tema a partir de povos originários, considerando o sentido de suas concepções imagéticas e a tradução e interpretação de suas cosmologias. Essa abordagem será desenvolvida nos artigos presentes nesta edição.

No terceiro e último momento, “**Alguns Deslocamentos**”, o LEIA propõe por meio de seus integrantes pesquisadores a mobilidade da exposição *Urbanos Arquivos* como exercício de trânsito nas possibilidades de recepção da imagética urbana produzida pelos fotógrafos Lázaro Roberto e Arlete Soares. Quais ressonâncias, diálogos e tensões esses trabalhos estabelecem em relação a outros territórios nacionais, tanto em Salvador como em outras cidades brasileiras – Fortaleza, Brasília e Maceió? Nesse momento, curtos relatos do processo são acompanhados de vestígios visuais dessa movimentação geográfica e suas implicações de remontagem (Didi-Huberman, 2016), recriando em outras coisas o que um dia já foi a exposição *Urbanos Arquivos*, que deu origem a esse dossiê.

Salvador e Belo Horizonte,
Fevereiro de 2025

Referências

- AGIER, Michel. **Do Direito à Cidade ao Fazer-Cidade.** O Antropólogo, a Margem e o Centro. *Mana*, Rio de Janeiro, n. 23, p. 483-498, dez., 2015.
- AZOULAY, Ariella Aïsha. **História potencial: desaprender o imperialismo.** Tradução de Célia Euvaldo. São Paulo: Ubu, 2024.
- CERTEAU, Michel de. **A Invenção do Cotidiano: Artes de Fazer.** Tradução de Ephraim Ferreira Alves. 22ª edição. Petrópolis: Vozes, 2017.
- DIDI-HUBERMAN, Georges. **Remontar, Remontagem (do tempo).** Tradução de Milene Migliano. Belo Horizonte: Edições Chão da Feira, 2016.
- EDWARDS, Elizabeth. A Fotografia e a Performance da História. In: *ArtCultura Uberlândia*, v. 23, n. 42, p. 27-47, jan.-jun. 2021.
- EDWARDS, Elizabeth. **Photographs and the practice of history.** Londres: Bloomsbury Publishing, 2022.
- TSING, Anna Lowenhaupt. **O cogumelo no fim do mundo: sobre as possibilidades de vida nas ruínas do capitalismo.** Tradução de Jorge Menna Barreto e Yudi Rafael. São Paulo: n-1 edições, 2022.

COMO CITAR

MORTIMER, Junia; MARTINS, Técio. Editorial: Urbanos Arquivos. Exposições e Práticas Curatoriais com Arquitetura. **RUA: Revista de Urbanismo e Arquitetura**, n. 12, p. 8-11, 2025.